

Cultura material, recursos digitais e conhecimento histórico: reflexões sobre a elaboração de bancos de dados para pesquisas em Arqueologia Clássica*

Digital resources and the production of historical knowledge based on material evidence: reflections on database production for researches in Classical Archaeology

Carolina Kesser Barcellos Dias^{*1}

Camila Diogo de Souza^{*2}

Fábio Vergara Cerqueira^{*3}

Resumo: Os avanços do conhecimento histórico sobre a Antiguidade Clássica, nas últimas décadas, devem muito aos conhecimentos arqueológicos, que reposicionam a relação entre as fontes escritas e materiais na interpretação do passado. A descrição e classificação tipológica fundamentadas nos aspectos morfológicos, cronológicos, técnicos e estilísticos da cultura material constituem dois dos principais recursos metodológicos para a produção do conhecimento arqueológico. As inovações eletrônicas atuais trouxeram inúmeras contribuições para o pesquisador por meio de programas de análise inter-relacionada dos dados, e possibilidades de acesso aos dados e difusão do conhecimento, viabilizando perspectivas futuras e novas leituras de um mesmo objeto de estudo. Assim, a produção de bancos de dados assume um papel fundamental para a elaboração de catálogos de referência, e promove uma maior variabilidade de interpretações. Todavia, faz-se necessário refletir sobre os objetivos, usos e alcances de tais recursos metodológicos para a comunidade acadêmica e para as pesquisas científicas como um todo, assim como as questões relativas ao acesso público às informações. Neste artigo, procuramos sistematizar e discutir tais questões por meio de alguns exemplos específicos e propostas de modelos de organização de *corpora* documentais, e da construção de bases de dados em pesquisas na área da Arqueologia Clássica, apresentando as propostas e possibilidades de

Palavras-chave:

Arqueologia;
Cultura material;
Cerâmica;
Recursos digitais;
Banco de dados.

* Adaptado a partir da versão original, intitulada "Recursos digitales y producción de conocimiento histórico fundado en evidencias materiales. Reflexiones sobre la elaboración de bases de datos para investigaciones en Arqueología clásica" (DIAS; SOUZA; CERQUEIRA, 2015, p. 135-178).

^{*3} Doutor em Antropologia Social, com concentração em Arqueologia Clássica, pela Universidade de São Paulo. Bolsista Fundação Humboldt/Alemanha (modalidade Pesquisador Experiente em Arqueologia Clássica, e Pesquisador Visitante na Universidade de Heidelberg) Instituto de Arqueologia Clássica. Professor Associado do Departamento de História da Universidade Federal de Pelotas, coordenador responsável pelo Laboratório de Estudos da Cerâmica Antiga (Leca-UFPel).

^{*1} Doutora em Arqueologia pela Universidade de São Paulo, atual pós-doutoranda e professora permanente do Programa de Pós-Graduação em História da UFPel, bolsista CAPES. Coordenadora e pesquisadora associada do Laboratório de Estudos sobre a Cerâmica Antiga (Leca-UFPel).

^{*2} Doutora em Arqueologia pela Universidade de São Paulo, atual pós-doutoranda do Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE-USP). Coordenadora e pesquisadora associada do Laboratório de Estudos sobre a Cerâmica Antiga (Leca-UFPel).

análise de dados que vêm sendo desenvolvidas no âmbito do Laboratório de Estudos sobre a Cerâmica Antiga (LECA) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

Abstract: Over the last few decades, major advances in historical knowledge about Classical Antiquity have occurred due to archaeological studies with regard to new approaches, which reallocate the relationship between written and material sources in the interpretation of the past. The description and the typological classification based on morphological, chronological, stylistic and technical aspects of the material culture are two major methodological resources for the production of archaeological knowledge. Current electronic innovations brought numerous contributions to researchers by means of inter-related data analysis programs that create the possibilities for data access and knowledge dissemination. These programs also enable future perspectives and new interpretations of the same object of study. Thus, the production of databases plays a key role in producing catalogs, and promotes a greater variability of interpretations. However, it is necessary to reflect on the goals, purposes and the scope of such methodological resources for the academic community and for scientific research as a whole, as well as issues related to public access to information. In this article, we bring up the discussion of subjects presenting some specific examples of archaeological *corpora* systematization and database production in the field of Classical Archaeology research. These examples and models constitute new approaches and perspectives of data analysis, which have been developed by the Laboratório de Estudos sobre a Cerâmica Antiga (LECA) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

Keywords:

Archaeology;
Material culture;
Ceramics;
Digital resources;
Database.

Recebido em: 23/09/2018
Aprovado em: 23/10/2018

Introdução

As abordagens para a análise do objeto de estudo da Arqueologia, a cultura material, constituem tema de discussões teórico-metodológicas distantes de um consenso ou um ponto final. O reconhecimento de suas especificidades como fonte de conhecimento das sociedades passadas levou a uma preocupação singular por parte dos pesquisadores, com as definições conceituais e o estabelecimento de métodos e técnicas de análise do registro arqueológico.¹ São inegáveis as qualidades da cultura material como fruto do trabalho humano, que definem uma série de ações do homem na natureza e permeiam as relações dos homens entre si (MATTHEW, 2004). Os artefatos são produtos das ações e vetores das relações humanas na medida em que são confeccionados, consumidos e descartados (MENESES, 1983; SCHIFFER, 1996). A cultura material constitui, dessa forma, um veículo de informações, uma vez que os objetos carregam mensagens com usos e funções específicas, sejam elas práticas e imediatas, sejam elas simbólicas e ideológicas (RENFREW; BAHN, 1993; TRIGGER, 2004; NEUSTUPNÝ, 1993).

O processo de “decodificação” e leitura dessas mensagens implica a necessidade de estabelecer determinados instrumentos metodológicos, que viabilizem a análise da cultura material por meio de seus diversos tipos e categorias: cerâmica, metais, imagens e seus suportes físicos, contextos funerários, estruturas arquitetônicas, inscrições, etc. A sistematização do registro arqueológico por meio da classificação tipológica dos objetos, fundamentada em aspectos morfológicos, cronológicos, técnicos, estilísticos e iconográficos, por exemplo, constitui uma etapa fundamental na produção do conhecimento arqueológico (DUNNELL, 2007). Além disso, a elaboração de catálogos e *corpora* documentais também possibilita maior variabilidade interpretativa das fontes materiais, alcançando abordagens e perspectivas diversificadas do conhecimento das sociedades.

A grande quantidade e variedade qualitativa de material proveniente das pesquisas arqueológicas obriga a criação de ferramentas de análise estatística e de indexação que

¹ Basta mencionar as duas grandes linhas interpretativas da Arqueologia, a Nova Arqueologia ou Arqueologia Processual e a Arqueologia Pós-processual ou Arqueologia Contextual, para exemplificar tais preocupações semânticas e metodológicas da cultura material. Apesar das divergências em relação à postura do pesquisador, marcada pela objetividade *versus* a subjetividade, e pelo alcance dos níveis de conhecimento do comportamento humano, baseado em leis e padrões gerais *versus* condutas idiossincráticas, ambas se debruçaram sobre as definições das qualificações do objeto como produto da ação humana e, portanto, de suas perspectivas e possibilidades de análise. O rigor científico baseado nas análises tipológicas exaustivas da cultura material, que identifiquem as estruturas gerais da organização social, constitui um elemento fundamental dos princípios teórico-metodológicos da Nova Arqueologia. A proposição de leituras ideológicas por meio de abordagens interdisciplinares, que reconheçam representações simbólicas, semiológicas e particulares da sociedade de um grupo e até mesmo do indivíduo formam o conjunto de recursos metodológicos da Arqueologia Pós-processual que se opõe, questiona e condena a produção do conhecimento como suposta verdade absoluta.

facilitem e viabilizem o tratamento dos dados. A análise quantitativa torna manejável uma gama vasta de informações e permite identificar as distribuições e variações dos dados (MARQUES; DAVID, 2013).

A cultura material: singularidades epistemológicas e análise sistemática

A cultura material é uma perspectiva de investigação originada na disciplina arqueológica, abrangendo “toda e qualquer coisa que tenha sido produzida materialmente pelo homem”. Engloba, assim, esferas tão variadas quanto “a moradia, a produção de alimentos, a religiosidade, o lazer, a educação, a locomoção” (PEIXOTO, 2008, p. 88).

De certo modo, o reencontro da disciplina histórica com a cultura material traça uma espécie de retorno às raízes. Como lembra Funari (2005, p. 84), remetendo-nos à escrita de historiadores da Antiguidade, como Heródoto, Tucídides e Salústio, a história se fazia “com testemunhos, com objetos, com paisagens, não necessariamente com documentos escritos, consultados apenas marginalmente e citados de forma indiretamente reportada”.

O que está em jogo, porém, é mais do que isto, uma vez que os objetos nos permitem acessar dimensões da vivência social e cultural que não são articuláveis e comunicáveis pela linguagem escrita e até mesmo oral. A esse respeito, Radley (1992, p. 63) assevera que:

A ênfase na linguagem tende a ocultar perguntas interessantes que emergem quando reconhecemos que a esfera dos objetos está ordenada em formas de que dependemos para conseguir um sentido de continuidade e como marcadores temporais.

Ou seja, os artefatos alinhavam o cotidiano, dando uma coesão de sentido, posicionando a percepção de pertença ao tempo, a uma geração, a uma época, a um conjunto de códigos culturais que funcionam, ao mesmo tempo, como marcadores de identidade. É possível, por meio dos objetos, descobrirem-se redes de significados responsáveis por amarrar os sentidos que articulam a vida social e, ao mesmo tempo, informam a nós, pesquisadores, sobre o modo de vida das pessoas no passado e no presente (CERQUEIRA et al., 2006, p. 4). A cultura material, assim, é uma configuração material pela qual a sociedade se expressa. Desse modo, os objetos são uma “fonte primária de observação aberta à exploração. Neles se condensa um amplo leque de manifestações e relações humanas” (GRUNGBERG, 2000, p. 167).

Trabalhar com a cultura material nos convida a incorporar a perspectiva da Arqueologia Histórica Pós-processual, pela qual se busca construir uma visãoêmica do passado, construindo interpretações sustentadas sobre testemunhos os mais múltiplos (ORSER Jr., 2006, p. 106). Não obstante a cultura material se defina como a totalidade material transformada e consumida pela sociedade (FUNARI, 1988; MUNIZ, 1998), ela inclui muito mais do que a concretude física do material, pois carrega consigo a sua imaterialidade.

Concretamente, a cultura material compõe-se de todo o conjunto de artefatos, ou seja, de instrumentos materiais produzidos pelo homem a partir da transformação de elementos naturais. Pode ser móvel ou imóvel. Os bens materiais móveis são os objetos ou utensílios, como uma lamparina romana ou uma cuia de chimarrão; já os bens imóveis são as estruturas fixas, alterações no solo, como terraços ou covas, e comumente estruturas construídas, como os monumentos funerários. Essa materialidade, porém, seja ela móvel ou imóvel, não é somente material:

Nesta materialidade, estão imbricados os aspectos simbólicos e pragmáticos da cultura. Ou seja, os objetos carregam consigo, ao mesmo tempo, a sua dimensão prática (a sua finalidade de uso) e a sua dimensão simbólica (o conjunto de valores, princípios éticos, padrões de comportamento, etc.), associadas a estes objetos, na sua fabricação e no seu consumo (PEIXOTO, 2008, p. 88).

Para que a cultura material se constitua plenamente como documento original com relação à tradição dos documentos escritos, coloca-se um imperativo metodológico: efetuar-se um estudo sistemático e codificador, entendido como o levantamento, inventário e estabelecimento de um catálogo dos monumentos de cultura material em estudo, o qual pode se beneficiar de forma radicalmente enriquecedora do uso de banco de dados como ferramenta para organização e interpretação de dados. Por que tal sorte de procedimento se impõe? Entre tantas, poderíamos destacar duas razões: a fragmentariedade dos conjuntos remanescentes e o fato de a significação dos objetos, seus usos e trocas no cotidiano, envolver um alto grau de comunicação infraverbal, portanto, não sendo passível de ser integralmente capturada pela linguagem verbal, de modo que somente o trato sistemático destes vestígios consegue erguê-los a um plano de inteligibilidade das redes sociais e culturais que os amarravam em seu contexto pretérito.

O catálogo permite formular as classificações que categorizam a cultura material em grupos ou séries documentais, sinalizando suas transformações ao longo do período delimitado e suas variações em cada época. Possibilita estabelecer, no interior do conjunto, séries de testemunhos materiais, em que podemos aferir dados quantitativos, gerar curvas estatísticas, apontar o grau de incidência de elementos pesquisados, indicar regularidades, rupturas, continuidades e tendências (CERQUEIRA, 2001, p. 9).

Uma vez definido o conjunto material inventariado por uma pesquisa, passa-se à definição de critérios de classificação para a confecção de um catálogo descritivo e interpretativo da classe de vestígios da cultura material em estudo. Para este fim, devem-se definir os atributos classificatórios a serem observados para caracterizar os monumentos. Esta definição atende aos interesses de pesquisa, ao mesmo tempo que instrumentaliza o registro técnico do bem material. Se pensarmos, por exemplo, em monumentos funerários de necrópoles romanas ou mesmo modernas, podemos destacar aqueles atributos de interesse histórico (datação indicadora do enterramento original, epitáfios, nomes e eventos relacionados aos enterrados), de interesse artístico e antropológico (ornamentos e iconografia), e de interesse arquitetural (estilo, material e assinatura de autoria). Como se pode presumir, o levantamento sistemático destes dados abre várias possibilidades de análise da cultura material funerária. Num vai-e-vem entre o todo e a parte, o estudioso da cultura material lida ora com a individualidade de cada vestígio, ora com sua compreensão em um todo, constituído a partir da sistematização sustentada em critérios classificatórios, de sorte que uma peça, fragmentária ou íntegra, pode ser entendida também no conjunto daquelas que com ela compõem uma série histórica referente a um fenômeno comum (CERQUEIRA, 2001, p. 12).

Recursos eletrônicos de arquivamentos de dados nas pesquisas históricas e arqueológicas

A partir dos anos 1990, e principalmente, do início dos anos 2000, a utilização de recursos eletrônicos e digitais para a elaboração de catálogos e bases de dados por meio de *softwares*, como o *Microsoft Access* e *FoxPro*, desenvolvidos pela Microsoft, *IBM DB2*, da empresa IBM, *Oracle Database*, pela Oracle Company, e os *softwares Bento*, desativado em 2013, e *FileMaker Pro*, desenvolvidos pela FileMaker Inc., filial da empresa Apple, intensificou-se nas áreas da História e da Arqueologia como recursos metodológicos determinantes no processo de construção e desconstrução dos fatos históricos (MARQUES; DAVID, 2013). Tais recursos eletrônicos são amplamente utilizados e desenvolvidos na área dos estudos medievais, principalmente no campo semântico;² em particular na França, a elaboração de bancos de dados sistematizados a partir de vocábulos específicos tem como objetivo viabilizar o acesso às informações da documentação textual e discutir os resultados e as leituras estatísticas na interpretação dos documentos na produção do conhecimento histórico (GUERREAU, 2004).

² Exemplos mais recentes sobre a sistematização da documentação textual em bancos de dados da área de História podem ser vistos em: Guerreau (2004; 2012) e Genet e Lafon (2003).

Bases de dados digitais possuem como diferencial o aspecto inter-relacional das informações, denominadas de Sistema Gerenciador de Banco de Dados Relacional (SGBDR), (termo original em inglês, *Relational database management system* – RDBMS). Elas substituíram sistemas de organização de dados denominados arquivos simples (*flat file*), configurados em planilhas (*spreadsheets*), isto é, formatado como uma grade simples constituída por células (*cells*), linhas e colunas, que formam uma tabela. Tais sistemas são representados pelo *software Microsoft Excel*, por exemplo, e como não apresentam a interdependência dos dados, são marcados pela redundância das informações e pelo cruzamento limitado das variáveis tipológicas, aspectos que podem gerar análises estatísticas e interpretações incongruentes, excessivas ou insuficientes e lacunares.

Toda sistematização de dados constitui formas arbitrárias e fragmentárias de organização dos fenômenos (DUNNELL, 2007). O *corpus* documental por definição constitui uma representação, uma amostragem da cultura material. Dessa forma, deve-se atentar para alguns problemas no processo de elaboração dos bancos de dados a fim de evitar incongruências. As classificações da cultura material são estruturas idiossincráticas que dependem de variáveis cronológicas, espaciais, constitutivas (matéria-prima), morfológicas, entre outras. Em primeiro lugar, destaca-se a necessidade de normalização, de criação de um sistema padronizado, que compreenda terminologia e categorias de classificação uniformizadas e plenamente acessíveis, tanto em relação à linguagem acadêmica, quanto à linguagem eletrônica que permitirá sua manipulação. Em segundo lugar, a codificação dos dados deve ser consistente com as variáveis do objeto de estudo, a fim de evitar o subaproveitamento da plataforma eletrônica e a ineficiência dos dados no processo interpretativo.

Da construção do catálogo ao banco de dados eletrônico para o material cerâmico clássico

Catálogos de referência e bancos de dados para o material cerâmico grego têm sido desenvolvidos por pesquisas acadêmicas atuais como uma importante ferramenta de organização e análise de material, mas, na maioria dos casos, essas ferramentas permanecem atreladas às pesquisas individuais, comumente inacessíveis, pois sua publicação esbarra em uma parcial indisponibilidade de plataformas e bases de dados de acesso público e livre e, em relação ao material de pesquisa, nas limitações causadas por regras de *copyright* e direitos de imagens de peças pertencentes a coleções públicas e privadas.

Contudo, alguns projetos institucionais vêm contribuindo para atenuar essas limitações por meio de sites que disponibilizam bancos de dados e catálogos digitalizados

de livre acesso. Para o caso específico dos vasos cerâmicos gregos e de tradição grega, há o *Corpus Vasorum Antiquorum* (CVA), o mais antigo projeto chancelado pela Union Académique Internationale, com quase 400 volumes publicados graças à colaboração de pesquisadores e instituições de vários países. O CVA, concebido em 1919 por Edmond Pottier, ofereceu um dos primeiros modelos de organização, análise e publicação de vasos cerâmicos pertencentes a coleções públicas e privadas, ilustrando mais de 100 mil vasos de 24 países. No decorrer de sua longa história de publicações, sofreu algumas alterações e atualizações metodológicas, sobretudo no tocante ao cuidado com a qualidade das fotografias, a incorporação de desenhos técnicos, um maior número de imagens dedicadas aos detalhes de um mesmo objeto, e descrições mais completas dos elementos formais e decorativos das peças, além da criteriosa análise iconográfica.

As edições esgotadas do CVA – aproximadamente 250 volumes – passaram a ser digitalizadas pelo Arquivo Beazley durante os anos 2002-2004 e disponibilizados na internet.³ Atualmente, o projeto de digitalização prossegue, e fascículos continuamente são incorporados ao site à medida que são publicados, oportunizando museus e coleções a contribuírem diretamente com a alimentação e atualização desta imprescindível ferramenta de pesquisa na internet.

O Arquivo Beazley⁴ é também o idealizador e responsável pela organização de um importante banco de dados dos vasos áticos de figuras negras e vermelhas produzidos entre os séculos VII e IV a.C., e publicados em revistas científicas, catálogos e demais produções bibliográficas. Os trabalhos do Arquivo se iniciaram ainda na década de 1970, com a proposta de organizar toda a documentação relacionada às pesquisas ceramológicas de John D. Beazley. Em 1979, quando o Arquivo ainda funcionava nas dependências do Museu Ashmolean, da Universidade de Oxford, Reino Unido, foi iniciado um projeto de construção de bases de dados relacionais organizados eletronicamente. No início dos anos 1990, os mais de 34.000 vasos até então catalogados no banco de dados eletrônico foram colocados à disposição da comunidade acadêmica por meio de redes interligadas de acesso entre as maiores universidades da Europa e EUA. Em 1998, o Arquivo Beazley disponibilizou publicamente sua base de dados de cerâmica na internet, que, atualmente, contém mais de 100.000 fichas catalográficas e mais de 150.000 imagens de livre consulta.⁵

Graças ao projeto de digitalização do CVA, o Arquivo passou a incorporar nas fichas documentais de seu banco de dados um *link* de acesso direto às pranchas de imagens e de textos do CVA na categoria “publicação”, de modo que o pesquisador pode, durante

³ Disponível em: <<http://www.cvaonline.org/cva>>.

⁴ Disponível em: <<http://www.beazley.ox.ac.uk/index.htm>>.

⁵ Disponível em: <<http://www.beazley.ox.ac.uk/pottery/default.htm>>.

seus levantamentos de material na base de dados, ter acesso às análises publicadas no CVA. As fichas do Arquivo Beazley possuem categorias fixas de análise, que podem ser inter-relacionadas de acordo com os objetivos individuais da pesquisa e, por meio de solicitação, uma ferramenta de análise estatística é oferecida para pesquisadores.⁶

As bases de dados desenvolvidas pelo Arquivo Beazley⁷ têm servido de modelo para a organização de bases de dados em pesquisas produzidas no Brasil, tanto para pesquisas específicas na graduação e pós-graduação, como para projetos institucionais desenvolvidos por laboratórios de universidades públicas e privadas.

No caso do Laboratório de Estudos sobre a Cerâmica Antiga da Universidade Federal de Pelotas (Leca-UFPel), há a proposta de elaboração de bancos de dados que organizem o material cerâmico de pesquisas desenvolvidas por pesquisadores brasileiros. A intenção é que essa produção possa dialogar com os demais bancos de dados, na medida em que forneça informações complementares às já disponibilizadas, promovendo para a comunidade acadêmica acesso a informações produzidas em nosso país, em língua portuguesa.

O Leca tem como documentação de base o material de diferentes tipos de catálogos⁸ e bancos de dados⁹ desenvolvidos durante o doutoramento de pesquisadores atualmente ligados ao Laboratório. Estes modelos devem ser inicialmente observados e entendidos em suas singularidades para que se proponham novos critérios de organização, em que as informações sejam básicas e o mais descritivas possíveis para que viabilizem novos tipos de interpretação. Os bancos de dados gerados a partir desta documentação de referência serão criados e alimentados de acordo com as diferentes possibilidades de recortes cronológicos, formais, temáticos, entre outros.

As bases de dados relacionais apresentam a vantagem da potencialidade analítica; isto é, permitem a variabilidade de abordagem, o cruzamento, a acessibilidade e a flexibilidade das informações. A função científica da construção de bases de dados desse gênero é dupla, pois possibilita a verificação dos resultados por parte da comunidade acadêmica, e viabiliza novas leituras e perspectivas de investigação sobre os mesmos

⁶ Ver: <<http://www.beazley.ox.ac.uk/news%20archive/statistical.htm>>.

⁷ Que incluem, ainda, os bancos de dados para as coleções de: gemas, objetos arquitetônicos em terracota etruscos e da Itália central, fotografias, livros antigos e esgotados, inscrições de escultores e réplicas. Ver: <<http://www.beazley.ox.ac.uk/antiquaria/default.htm>>.

⁸ Catálogos propostos para organização do material cerâmico de pesquisa de Cerqueira (2001), Dias (2009), Souza (2010).

⁹ Bancos de dados em *Filemaker* propostos para organização do material cerâmico das teses de Dias (2009) e Souza (2010). As fichas descritivas de análise compreendem as seguintes categorias: 1) Número de inventário, 2) Dimensões, 3) Estado de conservação, 4) Técnica de produção, 5) Contexto de achado (arqueológico), 6) Contexto de produção, 7) Contexto de uso, 8) Descrição morfológica, 9) Descrição da decoração, 10) Argila, 11) Pintura, 12) Cronologia, 13) Forma, 14) *Comparanda*, 15) Fotos, 16) Desenhos, 17) Comentários. Tais aspectos foram sistematizados para o banco de dados do Leca elaborado e desenvolvido para o projeto didático e pesquisa e empréstimo de material do acervo do MAE-USP intitulado "Exercício de análise, catalogação e estudo do material cerâmico da coleção MMO-RT2 do MAE-USP".

dados primários de um mesmo material (MARQUES; DAVID, 2013). Isto significa dizer que a produção do conhecimento não está “engessada” e possui um caráter dinâmico e heurístico.¹⁰ As diferentes abordagens podem ainda envolver interdisciplinaridade e as análises congregadas suscitam ainda a possibilidade de conjugar elementos monográficos do registro arqueológico num sistema mais global de classificação, capaz de superar determinados aspectos da fragmentação da cultura material e de alcançar perspectivas mais integradas de estudo.

Nesse sentido, para demonstrar como a técnica de catalogação e as ferramentas de análise propiciadas pelos bancos de dados vêm contribuindo para o diálogo entre a História e a Arqueologia, ensejando a construção de conhecimento histórico novo, que leva em consideração os indícios, mesmo que fragmentários, da cultura material e de registros visuais nela contidos, apresentamos aqui dois exemplos de pesquisas e metodologias que somente foram viabilizadas pelas oportunidades proporcionadas pela sistematização e quantificação de dados.

O primeiro estudo, apresentado por Fábio Vergara Cerqueira, discute as pesquisas de Jan Bazant (1981; 1984), na década de 1980, quando surgiam os primeiros trabalhos com esta perspectiva na Arqueologia Clássica, dispondo de programas ainda bastante limitados. Bazant ocupou-se com a interpretação, na cerâmica ática, das “unidades iconográficas”, com suas evoluções de “número total” e de “frequência relativa”, enfocando, por exemplo, o significado da iconografia de personagens mitológicas ou das representações de gênero, masculino ou feminino. No segundo estudo, produzido em um momento em que o arqueólogo e historiador têm a sua disposição *softwares* mais complexos e adaptados às Ciências Sociais e Humanidades, Camila Diogo de Souza problematiza a formação da *pólis* a partir dos contextos funerários argivos do período geométrico.¹¹

Jan Bazant, o Arquivo Beazley e as primeiras pesquisas fundamentadas em “unidades iconográficas” organizadas em banco de dados sobre cerâmica grega antiga

Logo no início da construção do banco de dados do Arquivo Beazley, no final dos anos 1970 e início dos 1980, alguns projetos de pesquisa demonstraram seu enorme

¹⁰ Heurística aqui entendida no aspecto semântico literal do termo original em grego relacionada à “descoberta” (do grego antigo, verbo εὐρίσκω – “eu descobro”, “eu encontro”). Trata-se, portanto, de um conhecimento fundamentado a partir da experiência, da observação empírica, da investigação fenomenológica e da otimização do raciocínio lógico por meio das abordagens classificatórias dos dados.

¹¹ Outro banco de dados em língua portuguesa, e já disponível para acesso público, é o *Nausitoo*, criado pelos pesquisadores do Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga (Labeca), do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP), que tem como objetivo “divulgar um conhecimento importante sobre a formação e organização da *pólis*, a cidade grega antiga”. Cf.: <<http://labeca.mae.usp.br/pt-br/>>.

potencial, permitindo visualizar processos culturais perceptíveis pelas ferramentas de quantificação propiciadas pela informatização dos dados, contribuindo, assim, para o desenvolvimento de abordagens complexas. Podemos destacar, neste sentido, os estudos realizados por Jan Bazant (1981; 1984), um dos primeiros a acenar com uma perspectiva metodológica de quantificação a partir da análise dos dados armazenados no *Beazley Archive*.

Em seu estudo sobre a iconografia de Hércules na pintura de vasos áticos, Bazant (1981) traz a público os primeiros resultados, ao estudar a evolução da iconografia deste herói e de Teseu, do século VI ao IV a.C., da fase de pintura de figuras negras à de pintura de figuras vermelhas.

No século VI a.C., Hércules, e em menor escala Teseu, atraíam a atenção dos pintores de vaso. Seu interesse, porém, circunscrevia-se ao gosto e às temáticas próprias da cerâmica contemporânea, inclinada à representação de cenas de atletas, guerreiros e cavaleiros (BAZANT, 1981, p. 24, fig. 8 e 18). Numericamente, neste período, as imagens de Teseu ocorrem em quantidade muito inferior às de Hércules, mas seguem a mesma tendência: uma apologia da faceta guerreira, violenta, destes heróis, que deviam assim ser admirados por sua bravura, coragem e força física.

Um pouco antes do último terço do século VI a.C., iniciando-se entre os pintores de figuras negras e consolidando-se entre os primeiros pintores de figuras vermelhas, surge uma nova tendência. No que se refere à iconografia de Teseu, Bazant destaca uma *kýlix* (κύλιξ) do pintor Oltos,¹² conservada em Londres, que seria, segundo Jennifer Neils (1981, p. 177-179), a mais antiga representação ática do herói ateniense em vasos de figuras vermelhas (Figura 1).

¹² *Kýlix* de figuras vermelhas. Oltos. Assinada pelo oleiro *Kachrylion*. Londres, Museu Britânico, E 41 (1837,0609.58). 520-510 a.C.

Figura 1 – Teseu tocando *lýra* e Ariadne

Fonte: *Kýlix* ática. Figuras vermelhas. Pintor Oltos. Londres, Museu Britânico, E 41. Trustees of the British Museum. c. 520-510.

Enquanto os demais vasos atribuídos a Oltos com cenas do herói ateniense seguem a tendência predominante, retratando Teseu laçando o touro de Maratona¹³ ou perseguindo Minotauro,¹⁴ a *kýlix* de Oltos permite antever mudanças, não só no que concerne às temáticas, mas também à mentalidade: vemos, agora, um Teseu jovem com sua amada, empunhando uma lira, cuja música adoça seu caráter, tornando-o mais apto ao sentimento amoroso. Ao longo do século V, os pintores tenderão a suavizar o perfil guerreiro do herói, tornando seu perfil mais condizente com a ideologia democrática que se propagou em Atenas a partir das reformas de Clístenes (509/508 a.C.) e sobretudo a partir da definitiva vitória sobre os persas (480/479 a.C.). Ora, a *lýra*, como atributo de Teseu, nessa cena de caráter amoroso, aponta, ao mesmo tempo, a tendência a uma imagem menos violenta dos heróis (CERQUEIRA, 2001, p. 90-91).

Processo análogo se verifica na iconografia ática de Hércules. Ocorre uma crescente predileção pelos temas da apoteose de Hércules e de Hércules *mousikós*. Para Bazant (1981, p. 31), há uma analogia: o herói que troca a lança e escudo pela cítara é o mesmo que ascende ao Olimpo, para o eterno convívio dos deuses. Esses temas representam uma visão moralizante de Hércules, que, surgindo no final do século VI a.C., estará bem acabada no século IV a.C., não sem passar por um período de tensão no primeiro quartel do século V a.C., quando a temática de um jovem Hércules rebelde assassinando seu professor de música, Linos, revela sua intempestividade tão apreciada entre os pintores

¹³ *Kýlix* de figuras vermelhas. Oltos. Madrid, Museu Arqueológico Nacional, L 151 (11267). 520-510 a.C.

¹⁴ *Kýlix* de figuras vermelhas. Oltos. Copenhague, Museu Nacional, 3877. 520-510 a.C.

de figuras negras como qualidade do herói bravo.¹⁵ De acordo com Bazant (1981, p. 26-30), esta visão moralizante de Hércules, que foi se consolidando, teria sido uma solução encontrada para compatibilizar a imagem do herói com a democracia emergente, com o sentido de *koinonía* (κοινωνία). Grosso modo, Hércules guerreiro implicava *hýbris* (ὑβρις), um perigo simbólico para a democracia, por ser qualidade dos tiranos, ao passo que Hércules *mousikós* (μουσικός), em companhia de Atena e empunhando uma *kithára* (κιθάρα), simbolizaria *sophrosýne* (σωφροσύνη), traço comportamental recomendado aos cidadãos na democracia.

Bazant (1981) percebe, paralelamente, outro movimento. Em qualquer período, na pintura dos vasos áticos, a figura de Hércules é, quantitativamente, predominante sobre a de Teseu. Contudo, ao longo da primeira metade do século V a.C., ocorre um sensível crescimento relativo das cenas retratando Teseu. Este movimento, verificável por meio da análise de dados informatizados, revela crescente identidade da democracia com este herói local, o que coincide com a expansão de seu culto heróico após as guerras pérsicas, com a instituição da festividade das Teseias, quando Címon traslada seus supostos restos mortais para Atenas.

Por meio de duas personagens mitológicas que não são, em sua essência, associadas à música, Hércules e Teseu, ocorre uma vinculação iconográfica original destes heróis aos instrumentos musicais, feita de primeira mão pelos pintores áticos. Até o período arcaico e clássico esta associação não havia sido citada pelas fontes literárias remanescentes (somente no século III a.C. com Teócrito encontraremos uma ligação entre Hércules e a cítara).¹⁶ Até o advento de metodologias que se beneficiaram de bases de dados digitalizados, tais associações haviam sido analisadas tão-somente pelo viés qualitativo. A metodologia quantitativa aplicada por Bazant possibilitou uma análise de conjunto, que ensejou detectar, nos crescimentos e decréscimos relativos e absolutos de abordagens iconográficas, movimentos de mudança na cultura e sociedade.

Na pesquisa de doutoramento de Cerqueira (2001), intitulada *Os instrumentos musicais na vida diária da Atenas tardo-arcaica e clássica*, baseada nas representações iconográficas da pintura de vasos áticos, usou-se uma metodologia de quantificação de

¹⁵ *Stámnos* (στάμνος) de figuras vermelhas. Boston, Museum of Fine Arts 66.206. Ca. 480 a.C. Jovem Hércules ataca seu professor, Linos, com uma cadeira, segurando-o pelo ombro direito. Linos cai para trás, com o braço direito estendido e o esquerdo segurando a lira.

¹⁶ Além do *Heraklískos* do poeta alexandrino Teócrito, do qual dispomos do texto em sua íntegra, sabemos da existência de um poema trágico homônimo de Sófocles, que deve ter dialogado com outros poemas dramáticos anteriores, satíricos e trágicos, sobre Linos, como um de Simônides ou Baquilides, e outro de Melanípides, seu contemporâneo, e outro de Filocoro (*Scol. Homerus, Ilias*, 18, 570c). É possível que muito do que se falava sobre a relação de Hércules com a música, em sua infância e idade adulta, estivesse sintetizado na obra do logógrafo Heródoros, que, na segunda metade do séc. V a.C., dedicou-lhe um romance pedagógico (CUSSET, 1997-2, p. 454-68; LEGRAND, 1925, p. 169).

dados inspirada no modelo aplicado por Bazant, o que possibilitou avaliar o aumento ou decréscimo da popularidade de diferentes temas, bem como suas variações, interrupções e continuidades, ao longo de uma sequência cronológica de aproximadamente um século e meio (560/550-410/400 a.C.).

Para fins de quantificação, o material foi dividido, quanto à cronologia, em oito grupos (oito etapas), que correspondem, aproximadamente, a gerações de pintores de vasos, marcadas por estilos próprios e identificáveis. Excetuando-se os períodos I e VIII (inicial e final), os grupos equivalem a faixas de 25 a 35 anos. Nas extremidades, essas faixas cronológicas entrecruzam-se: além da falta de uma precisão absoluta, deve-se ter em mente que, quando um ateliê está introduzindo um novo estilo ou técnica, outros ainda praticam aqueles da geração anterior. Essa periodização coloca em relação gerações de pintores, com estilo e técnica próprios, e contextos históricos, permitindo que se estabeleçam relações interpretativas entre os dados quantificados nos gráficos e os processos históricos mais marcantes.¹⁷

Assim, a interpretação dos testemunhos iconográficos reunidos nesta pesquisa se sustentou sobre um estudo objetivo de quantificação dos dados, cuja validade emergiu das possibilidades trazidas pela organização do banco de dados do Arquivo Beazley. Esta quantificação serviu de suporte a uma análise estatística, baseada na averiguação da frequência dos temas estudados. Esse modelo permitiu produzir assertivas verificáveis acerca das questões inquiridas sobre os assuntos pesquisados, instrumentalizados analiticamente como “unidades iconográficas” (BAZANT, 1990, p. 94).

¹⁷ Os períodos I e VIII constituem as extremidades da sequência cronológica, incluídos no catálogo pela necessidade de observar a formação e o esmorecimento de séries temáticas, ou mesmo a alteração do tratamento temático dentro das mesmas séries. Esses períodos em si, isoladamente, prestam-se menos à quantificação de dados, pois apresentam uma produção de cerâmica ática pintada numericamente bastante inferior. Os períodos se distribuem, portanto, conforme a seguinte sequência, com suas respectivas correspondências históricas e estilísticas: I) (600-550): Ático-corintizante. Período inicial do ático de figuras negras. Reformas de Sólon e primeira fase da tirania de Pisístrato; II) (560-525): Apogeu do ático de figuras negras (época do Pintor de Amasis, do Pintor de Exekias). Tirania de Pisístrato. Aumento do volume de produção de cerâmica ática; III) (530-500): Pioneiros do ático de figuras vermelhas e geração leagreana de pintores do ático de figuras negras. Tirania dos Pisistrátidas (Hípias e Hiparco) e primeiros anos da democracia ateniense, imediatamente após as reformas de Clístenes; IV) (505-475): Ático de figuras vermelhas de estilo “tardo-arcaico” e ático de figuras negras tardio (e.g. Classe de Atenas e Teseu; Grupo de Hémon e Pintor de Beldam). Consolidação da democracia ateniense entre as reformas de Clístenes e as Guerras Pérsicas; V) (480-445): Ático de figuras vermelhas de estilo “clássico inicial”, incluindo também os primeiros maneiristas. Reconstrução de Atenas após as Guerras Médicas; época de Efiltes, Címon e Péricles; VI) (450-425): Ático de figuras vermelhas de “estilo clássico”, que se desenvolveu entre os últimos anos do chamado “século de Péricles” e os primeiros tempos da Guerra do Peloponeso. Inclui os últimos maneiristas e pintores de léctos funerários de fundo branco; VII) (430-400): Pintores de vasos áticos de figuras vermelhas do final do século V a.C., estilo denominado “clássico tardio I”. Final da Guerra do Peloponeso, golpes oligárquicos e restauração democrática; e VIII) (405-350): Estilo “clássico tardio II”, correspondendo à democracia radical da primeira metade do século IV a.C. e estendendo-se até o domínio de Alexandre. Inclui os vasos conhecidos como estilo de “Kertsch”.

Bazant (1990), ao expor os fundamentos para uma “abordagem complexa”, nos alerta sobre a necessidade de trabalharmos com dois modelos de gráficos na quantificação e interpretação das curvas cronológicas: a) evolução do número total de cenas de uma “unidade iconográfica”; e b) evolução da frequência relativa das cenas de uma “unidade iconográfica”.

A vantagem da frequência relativa é que ela permite averiguar a relação entre a popularidade de um tema – ou modo de abordagem de um tema ou aspecto de um tema – e uma outra grandeza absoluta, como a totalidade de imagens com iconografia musical, ou a totalidade de imagens retratando um determinado tema, ou mesmo a totalidade de vasos produzidos no período em questão. Supera-se, assim, a deficiência, para o estudo da evolução das séries iconográficas, do gráfico com números absolutos lido em isolado, que, por exemplo, esbarraria no fato do declínio geral da produção de vasos áticos pintados na medida em que nos aproximamos dos fins do século V a.C. Há uma enorme superioridade numérica da produção de vasos áticos na primeira metade do século V a.C., relativamente à segunda metade; por esse motivo, invalida-se o estudo da evolução da popularidade de uma temática baseado somente nos números absolutos, fazendo-se necessário considerar o gráfico com evolução de frequência relativa (CERQUEIRA, 2001, p. 17-19).

Exemplo de aplicação bem-sucedida das possibilidades quantitativas formuladas por Bazant pode ser verificado ao se cotejar o peso, na produção cerâmica ática, das séries iconográficas representando temáticas masculinas e femininas (CERQUEIRA, 2001, p. 273-74). Em qualquer momento que estudarmos, dos séculos VI a.C. e V a.C., teremos sempre uma superioridade numérica das cenas com foco masculino sobre as cenas com foco feminino. Esta constatação nos apresentaria uma leitura sustentada apenas na evolução do número total de cenas destas “unidades iconográficas”, entendidas aqui como “unidades iconográficas” os repertórios de pinturas de vasos com foco masculino e com foco feminino. Essa leitura, porém, nos esconderia o fato cultural e social principal, revelado pelo gráfico, que coloque lado a lado as curvas de evolução de frequência relativa das cenas das duas unidades iconográficas em questão.

Bazant (1990, p. 93-112), ao apresentar sua proposta metodológica para uma abordagem complexa dos dados quantificáveis a partir da base de dados digitalizada, apresenta estatísticas comparando a evolução da iconografia representando o universo masculino e feminino, pela qual comprova que, ao longo do período que se estende da metade do século VI a.C. ao final do século V a.C., houve proporcionalmente um sensível crescimento das temáticas ligadas à mulher, apesar de numericamente ainda predominar as cenas retratando o universo masculino. Esta assertiva nos leva a pensar no conjunto

as curvas cronológicas de ocorrência das diversas séries iconográficas representando a mulher, procurando-se levar em conta a peculiaridade da condição de ser “mulher cidadã” ou hetaira (CERQUEIRA, 2001, p. 273-74).

Desde o séc. VI a.C., a mulher é representada em suas incumbências religiosas,¹⁸ atuando como sacerdotisa ou como integrante do culto, por vezes como musicista ou dançarina. Do mesmo modo, aparecia em cenas funerárias de velório e cortejo, sobretudo como carpideira,¹⁹ e em cenas do ritual de casamento, nos cortejos nupciais, na condição de noiva, *nymphéútria* (νυμφεύτρια)²⁰ ou parente de um dos noivos²¹ ou nas danças nupciais.²² Do ponto de vista quantitativo, porém, são as cenas com mulheres cortesãs, provenientes por via de regra da categoria das escravas ou metecas, que têm mais expressão nesta fase. Nestas, porém, a mulher aparece como elemento coisificado da satisfação dos desejos masculinos – portanto, não contradizem a predominância das séries iconográficas de foco masculino. Se considerarmos somente as cenas que representam a “mulher cidadã”, estas têm uma participação reduzida, do ponto de vista quantitativo, em relação ao conjunto da iconografia ática contemporânea, que privilegiava sobejamente a esfera masculina, adornada muitas vezes, como dito acima, por mulheres exteriores à categoria da “mulher cidadã”.

Verifica-se, assim, que, no século VI a.C., vigia certa interdição sobre a representação do espaço feminino do lar – ou bem era proibido representá-lo, por devassar a intimidade inviolável da esposa do cidadão, ou bem não constituía um contexto social que despertasse o interesse dos pintores. Contudo, a partir do segundo quartel do século V a.C., e mais pronunciadamente da segunda metade desse século, aumenta proporcionalmente entre os pintores o interesse pelas cenas representando o mundo da mulher cidadã, inclusive na intimidade do seu espaço rotineiro, o gineceu. A partir de aproximadamente 480-470 a.C., inicia-se a série iconográfica denominada de *Lenäenvasen* (vasos de Leneias),²³ retratando as mulheres atenienses envolvidas em cultos dionisíacos; essa série expande-se ao longo do segundo quartel do século e continua até o terceiro quartel (FRICKENHAUS, 1912; DURAND; FRONTISI-DUCROUX, 1982; GENIÈRE, 1987). Poucos anos depois da popularização das cenas de Leneias, em torno de 470-460 a.C., surgem os primeiros vasos

¹⁸ *Pínax* (πίναξ) de figuras negras. Sem atribuição. Atenas. Museu Nacional, Coleção da Acrópole, 2574-5. Terceiro quartel do século VI a.C.

¹⁹ Alabastro de figuras negras. Pintor de Teseu. Havana, Museu Nacional de Bellas Artes, 140. Ca. 490 a.C.

²⁰ Aquela que conduz a noiva ao noivo.

²¹ Ânfora de colo (com tampa) de figuras negras. Exekias. Nova Iorque, Metropolitan Museum of Art, 17.230.14a-b. Cratera de figuras negras. Sem atribuição. Tóquio, Museu da Cultura do Mediterrâneo Antigo, 3. 530-520 a.C.

²² Lécito de figuras negras. Pintor de Amasis. Nova Iorque, Metropolitan Museum of Art, 56.11.1. Em torno de 540 a.C.

²³ Festejo dionisíaco anual, ligado à consagração da nova safra do vinho, cujos rituais são praticados por mulheres cidadãs.

com cenas de gineceu,²⁴ nos quais os pintores tinham um interesse particular em representar as mulheres tocando instrumentos musicais. Essa temática torna-se extremamente popular na segunda metade do século V a.C., sendo um dos temas preferidos do Grupo de Polygnotos e de seus sequazes, como o Pintor de Kleophon e, na geração seguinte, o Pintor do Banho. Enquanto outras temáticas relativas ao universo masculino sofriam uma redução relativa (considerando o total da produção dos vasos decorados áticos), o que ocorria, por exemplo, com as cenas de educação juvenil, de banquete e de *komos* (κῶμος), a série iconográfica representando o gineceu apresentava uma sensível expansão. Estas constatações fornecem importantes elementos, provindos do campo da cultura material e das imagens, ao historiador e arqueólogo da Antiguidade interessado no estado de questões de gênero. Inúmeras questões e hipóteses podem avançar em torno do porquê ocorreu um aumento significativo do interesse dos pintores de vaso, em Atenas, pela imagem da mulher ateniense. Ou por que razões a representação do universo feminino exerceu a partir daí maior apelo sobre os atenienses? E em que profundidade e em que extensão ocorreu este apelo, e quais suas motivações? (BUNDRICK, 1998, p. 18).

Aqui não nos interessa ensaiar respostas a estas interrogações, pois foge ao escopo deste artigo. Interessa-nos, outrossim, apontar como a utilização de ferramentas analíticas de um banco de dados digitalizado, pelo estabelecimento de metodologias controladas, permite avançar sobre importantes debates nos estudos da Antiguidade, tais como questões de gênero ou as projeções culturais e políticas sobre a iconografia de personagens mitológicos, como Hércules e Teseu. A pintura de vasos passa a ser concebida como fonte de testemunhos verificáveis e demonstráveis, por meio de bancos de dados digitalizados, sobre mudanças as mais variadas na sociedade grega, e em particular ateniense, do período em estudo.

A formação da *pólis* como “fato histórico” e as contribuições da análise dos contextos funerários em Argos do Período Geométrico por meio da construção de base de dados

O debate epistemológico sobre a formação da *pólis* (*the rise of the Greek polis*) encontra suas raízes nas próprias definições de *pólis* e do termo *cidade-Estado*, que, durante muito tempo, foi objeto de estudo dos historiadores da Antiguidade, fundamentado em preocupações teórico-conceituais que privilegiavam as fontes escritas em detrimento dos registros materiais. A semântica do termo *pólis* encontra suas bases no modelo

²⁴ Nome dado ao recinto de permanência das mulheres cidadãs nas casas gregas, onde desempenhariam atividades de rotina, como a tecelagem e o entretenimento musical.

institucional de organização política e social ateniense do Período Arcaico e, sobretudo, do Período Clássico que, segundo as definições aristotélicas, pode ser entendido como “uma unidade política autônoma, incorporando uma cidade (um assentamento urbano central) e seu território (seu entorno rural) como partes inseparáveis dessa unidade” (SNODGRASS, 2006, p. 202).²⁵ O surgimento dessa instituição política é atestado pelas fontes textuais a partir de 776 a.C., e o modelo de *pólis* passa a ser caracterizado pelo reconhecimento de determinados elementos indicadores, tais como:

- Unidade política autônoma, independente, com um território delimitado, constituído pela *ásty* (do grego ἄστυ: “centro urbano”) e da reunião (*synoikismós*, do grego συνοικισμός: coabitação, conurbação) das comunidades próximas localizadas na *khóra* (do grego χώρα: território, “área rural”, “periferia”);
 - Presença de uma ágora;
 - Presença de uma acrópole;
 - Presença de espaços sagrados especializados; isto é, presença de templos dedicados a divindades patronas das cidades localizados na *ásty* e também a outras do panteão grego localizados na *khóra* e nos limites geográficos da cidade; presença de altares e espaços de culto, como por exemplo, monumentos dedicados aos heróis fundadores das cidades;
 - Planejamento urbano;²⁶
 - Presença de ginásio e estádio;
 - Presença de teatro, anfiteatro e odeão;
 - Presença de fortificações, muros que cercam a porção urbana da cidade (a *ásty*);
 - Cunhagem de moedas;
 - Fundação de colônias;
 - Fundação de um código de leis a fim de regulamentar os aspectos jurídicos dos cidadãos;
 - Presença da Eclésia (do grego ἐκκλησία: assembleia), formada pelo corpo de cidadãos; isto é, indivíduos adultos do sexo masculino com funções de deliberações e decisões por voto em assuntos legislativos e judiciários, associada à presença da Bulé

²⁵ Segundo Aristóteles (*Política*, 1, 1252b): “[...] ἡ δὲ ἐκ πλείονων κωμῶν κοινωμία τέλειος πόλις, ἥδη πάσης ἔχουσα πέρασ τῆς αὐταρκειᾶς ὡς ἔπος εἰπεῖν, γινομένη μὲν τοῦ ζῆν ἔνεκεν, οὕσα δὲ τοῦ εὖ ζῆν. διὸ πᾶσα πόλις φύσει ἔστιν, εἴπερ καὶ αἱ πρῶται κοινωμῖαι. τέλος γὰρ αὕτη ἐκείνων, ἡ δὲ φύσις τέλος ἐστίν: οἷον γὰρ ἕκαστόν ἐστι τῆς γενέσεως τελεσθείσης, ταύτην φαμέν τὴν φύσιν εἶναι ἐκάστου, ὡσπερ ἀνθρώπου ἵππου οἰκίας. ἔτι τὸ οὐ ἔνεκα καὶ τὸ τέλος βέλτιστον [...]”.

²⁶ O Plano de Hipódamo de Mileto, isto é, a organização ortogonal da cidade, é considerado a mais notável forma de planejamento urbano das *póleis* gregas. Todavia, em muitos casos, a distribuição de alguns prédios públicos e sagrados, na área urbana e periurbana, era regulada não pela ortogonalidade, mas sim por um urbanismo topográfico, com ruas sinuosas que acompanham as ondulações determinadas pela geografia natural, por exemplo.

(do grego βουλή: conselho, assembleia), atuante sobretudo na esfera executiva e em assuntos administrativos;

- Presença de um corpo militar formado por guerreiros-cidadãos (os hoplitas);
- Presença de estratos sociais definidos, como os metecos e a presença de escravos.

Dessa forma, o tema sobre o processo de formação da *pólis* adquire um valor de legitimidade inquestionável como “fato histórico”, fundamentado no modelo ateniense, em que tal processo seria engendrado pela passagem de uma *aristocracia guerreira homérica*, característica da Idade do Ferro, para uma *aristocracia de nascimento*, típica do Período Arcaico (DUPLOUY, 2006, p. 14).

Contudo, principalmente a partir da década de 1970, o processo de emergência da *pólis* passa a ser constantemente submetido à “reciclagem” por meio das contribuições dos estudos da cultura material. Destacam-se as contribuições de A. M. Snodgrass no sentido de buscar as bases físicas e materiais do que teria configurado o “ancestral da *pólis*”, que, cronologicamente, encontraria suas origens durante a denominada Idade do Ferro, entre os séculos XI e VIII a.C., em especial durante o Período Geométrico Recente, fundamentalmente o século VIII a.C.²⁷ Alguns dos elementos elencados anteriormente como índices da cidade-Estado ganham destaque especial para o autor, permitindo traçar o que poderíamos denominar de uma “arqueologia da *pólis*”:

- Evidências de desenvolvimento de estilos cerâmicos regionais com características específicas e que encontram seus maiores exemplos na produção ática, argiva e coríntia. Susan Langdon (2008, p. 11) ressalta a importância dos estilos geométricos regionais no processo de formação da *pólis*, argumentando que “as comunidades que exploraram plenamente a representação figurativa durante o período geométrico são as que sobreviveram para se tornarem grandes organizações arcaicas”.

- Evidências de mudanças significativas nos costumes funerários e de crescimento populacional acentuado durante o final da Idade do Ferro, período também denominado como Geométrico Recente. Tal crescimento baseia-se em análises

²⁷ A Idade do Ferro é subdividida em três grandes fases cronológicas de acordo com os estilos da decoração cerâmica: Submicênico (1100 a 1050 a.C.); Protogeométrico (1050 a 900 a.C.) e o Período Geométrico (900 a 700 a.C.). O Período Geométrico é, por sua vez, subdividido em três subperíodos: Geométrico Antigo, Geométrico Médio e o Geométrico Recente. O Período Geométrico como um todo apresenta uma grande variedade de estilos segundo as especificidades dos grandes centros de produção de cerâmica geométrica, como por exemplo, o ático e o argivo. Tais variações regionais implicam em diferenças cronológicas significativas em relação às datas absolutas que constituem cada subperíodo em cada região. Entretanto, de maneira geral, o Período Geométrico compreende um longo período de aproximadamente 200 anos que podem ser subdividido nos seguintes subperíodos: Geométrico Antigo (900 a 820 a.C.), Geométrico Médio, (820 a 750 a.C.) e o Geométrico Recente (750 a 700 a.C.). Cada subperíodo é segregado ainda em duas fases, I e II. Para maiores detalhes sobre a cronologia de casa subfase dos subperíodos do Geométrico e suas especificadas regionais, ver Souza (2011).

demográficas a partir dos contextos funerários. Durante o século VIII a.C., o número de sepulturas é amplamente maior em comparação com os períodos anteriores. Contudo, faz-se necessário ressaltar que os enterramentos não são representativos diretos dos aspectos demográficos de uma comunidade (SNODGRASS, 2006; MORRIS, 1987; 1992; 1998; WHITLEY, 1991a; 1991b; 2001).

São exatamente os aspectos desse último elemento distintivo do processo de emergência da *pólis* que pretendemos discutir e apresentar algumas considerações sobre as contribuições da Arqueologia e, em particular, o papel das bases de dados para a reconstrução desse “fato histórico”. O levantamento, a reunião, a catalogação e a análise sistemática da cultura material proveniente dos contextos funerários dos principais sítios da região da Argólida, Grécia, datados da Idade do Ferro, constituíram os objetivos principais da pesquisa desenvolvida no doutorado (Figura 2).

Figura 2 – Mapa da região da Argólida em destaque e com os principais sítios



Fonte: Souza (2011, p. 234, mapa 1).

A região da Argólida apresenta um quadro particularmente rico e único no que diz respeito aos vestígios funerários, que, por sua vez, constituem um material potencialmente fértil para diferentes leituras e interpretações. Seis sítios foram selecionados para análise: Argos, Tirinto, Asine, Micenas, Náuplia e Lerna/Myloi (Figura 2); e um total de 826 sepulturas foram sistematizadas em um *corpus* documental inédito organizado em duas partes: 1) um catálogo descritivo de cada sepultura efetuado em *Microsoft Word*; e 2) uma base de dados elaborada nos *softwares Microsoft Excel e FileMaker*.

A proposta de leitura deste vasto material privilegia o conjunto do contexto funerário como um todo por meio da descrição detalhada da cultura material e do conteúdo osteológico presente nas sepulturas. A fim de alcançar e entender alguns aspectos das práticas e dos costumes funerários intra e intersítios em cada subperíodo da Idade do Ferro, análises estatísticas dos atributos dos sepultamentos de forma isolada e inter-relacionada foram viabilizadas a partir da estruturação da base de dados. As categorias de análise na base de dados foram definidas em:

- estimativa da faixa etária do morto;
- estimativa do sexo do indivíduo;
- tipos de sepultura;
- orientação da sepultura;
- quantidade de objetos depositados;
- qualidade do mobiliário funerário, considerando as duas categorias principais de material presentes nas sepulturas: cerâmica e metais.

A elaboração das bases de dados por sítio permitiu ainda estabelecer uma abordagem comparativa das informações entre os sítios estudados, também sistematizados cronologicamente. Tal abordagem metodológica possibilitou a definição de padrões de enterramento e de comportamento sociocultural característicos de cada subperíodo da Idade do Ferro, revelando similaridades, especificidades e transformações e proporcionando também reflexões sobre as características do processo de interação entre as comunidades da Argólida. Em última instância, tais considerações viabilizaram a compreensão de aspectos da organização social das comunidades estudadas inseridos no longo processo de mudanças políticas e sociais ocorridas durante a Idade do Ferro e intensificadas durante o século VIII a.C., em particular entre 750 e 700 a.C., período marcado pela formação da *pólis* argiva.

Desde o início da década de 1950, mais de 200 sepulturas datadas do Geométrico foram escavadas em Argos pela Escola francesa de Atenas (EfA) e pelo Serviço Arqueológico Grego. O impressionante material proveniente desses túmulos é conhecido mediante os relatórios e crônicas de escavações preliminares e algumas poucas publicações

sistemáticas, como o estudo de Paul Courbin (1974), a obra de Robin Hägg (1974) e de Anne Foley (1988). Contudo, uma grande parte desse material ainda permanece inédita ou apenas parcialmente publicada. A descoberta da panóplia encontrada no T. 45 (Figura 3), por Paul Courbin, nas campanhas de 1954, e também pelas sepulturas escavadas nos Terrenos Stravopoulos e Theodoropoulos (T. XVIII), na Rua Perseus, pelo Serviço Arqueológico Grego, contendo capacetes em bronze, *obeloi*, adagas e espadas em ferro,²⁸ levaram alguns pesquisadores a identificar arqueologicamente em Argos o surgimento de uma nova camada de indivíduos, a *aristocracia de nascimento*, caracterizada pelo *exército de cidadãos* (os hoplitas), que teria liderado o processo de formação da *pólis* no final do Geométrico e início do Período Arcaico.

Nas páginas seguintes, focaremos, de forma breve, na análise de um pequeno recorte dessas sepulturas argivas datadas do final do Período Geométrico, a fim de exemplificar e evidenciar as contribuições das bases de dados como recurso metodológico essencial na compreensão do material funerário, entendido como formas de estratégia política utilizadas por determinados grupos sociais no processo de formação da *pólis* argiva.

Figura 3 – Foto da panóplia, armadura hoplítica em bronze encontrada no T. 45



Fonte: Courbin (1957) e Arquivo Pessoal de Camila Diogo de Souza. École française d'Athènes.

²⁸ Para o T. 45, com a panóplia, ver Courbin (1957, p. 322-386); para a sepultura no Terreno Stavropoulos, ver: Protonotariou-Deilaki (1970, p. 180-183); e para o enterramento do Terreno Theodoropoulos, T. XVII, ver Protonotariou-Deilaki (1982, p. 33-48).

Um conjunto de quatro sepulturas (T. 263, T. 265, T. 266, T. 278) foi evidenciado em escavações realizadas pela EfA sob a direção de Yvon Garlan nas campanhas de 1966 no Terreno Papaparaskevas (Sondagem 80), localizado na área sul da cidade. Os túmulos continham um total de 25 indivíduos inumados sucessivamente. A inumação mais antiga data do final do Geométrico Antigo e, durante o Geométrico Médio e, principalmente o Geométrico Recente, as sepulturas foram reutilizadas várias vezes.

O número de objetos associados aos túmulos é impressionante, formado por mais de 200 vasos cerâmicos inteiros encontrados no interior das sepulturas e centenas de fragmentos revelados na camada estratigráfica superior da Sondagem, e também por um pouco mais de 60 objetos em metal (dentre eles, alfinetes, anéis e adagas em ferro e bronze). Os vasos são ricamente decorados com o repertório iconográfico típico da produção cerâmica geométrica argiva. Dois exemplos de composição iconográfica típicos desse repertório são constituídos pelo condutor de cavalos – uma figura humana masculina entre dois cavalos (Figura 4) – e pela série de figuras femininas de mãos dadas segurando um ramo de trigo (Figura 5). Tal repertório é considerado como um elemento característico do *ideal heroico da aristocracia argiva* (PAPPI, 2006; PAPPI; TRIANTAPHILLOU, 2011) e as sepulturas datadas do final do Geométrico em Argos passaram a ser identificadas como *túmulos dos guerreiros-cidadãos*, dos hoplitas (HÄGG, 1983; WHITLEY, 2006; PAPPI, 2006; PAPPI; TRIANTAPHILLOU, 2011).

Figura 4 – Composição iconográfica típica do repertório geométrico argivo com a dupla de cavalos e o condutor



Fonte: Foto do detalhe da cratera C.26608, encontrada no T. 317, no setor δ , Bairro dos Refugiados, Rua Tripoleos. Arquivo Pessoal de Camila Diogo de Souza. École française d'Athènes.

Figura 5 – Composição iconográfica típica do repertório geométrico argivo com a série de figuras femininas de mãos dadas segurando um ramo de trigo, em conjunto com a dupla de cavalos e o condutor



Fonte: Foto do detalhe da cratera encontrada no T. 3 no Terreno Giarentis. Papadimitriou (1987, p. 33-34).

Contudo, uma análise mais detalhada das informações desses contextos funerários, datados do final do Geométrico, em Argos, realizada a partir da elaboração dos bancos de dados, segundo as categorias elencadas algumas páginas acima, demonstra que o processo de formação da *pólis* argiva apresenta algumas especificidades que permitem reconstruir e particularizar os elementos que caracterizam este “fato histórico”.

A inumação em posição contraída, isto é, o indivíduo deitado de costas e com as pernas flexionadas para um dos lados, direito ou esquerdo, constitui a prática padrão de enterramento para os indivíduos de todas as faixas etárias e de ambos os gêneros, em Argos, durante todo o Período Geométrico. Três *tipos de sepulturas* constituem as inumações individuais e coletivas durante o Geométrico argivo: 1) o túmulo em cista (Figura 6) – constituído por uma cova, geralmente, retangular e revestido nas paredes e coberto com placas grandes de pedras de calcário; 2) o túmulo em vaso funerário (Figura 7) – composto por uma cova retangular ou oval em que se deposita a urna funerária, geralmente um pito, uma píxide, uma ânfora ou uma cratera; 3) o túmulo em cova simples (Figura 8) – formado por uma fossa feita diretamente na terra, na maioria das vezes retangular, geralmente coberta com placas de calcário.

Figura 6 – Exemplo de túmulo em cista



Fonte: Foto do T. 2, encontrado no Lote Theophanopoulou, Argos. *Archaïologikon Deltion*, v. 46, n. 1, p. 88-104, 1991, Πίν. 53δ.

Figura 7 – Exemplo de túmulo em vaso funerário, pito



Fonte: Foto dos T. 191 e do T. 190, encontrados na Sondagem 70, Argos. Courbin (1974, pl. 51).

Figura 8 – Exemplo de túmulo em cova simples



Fonte: Foto do T 1957/XVII, Tirinto. Verdelis (1963).

O exame estatístico do *tipo de sepultura* para o final do Geométrico revela que o número de enterramentos em vasos funerários, principalmente pitos para os adultos, ultrapassa o número de cistas. O estudo estatístico das sepulturas por meio da análise osteológica a partir dos atributos *idade* e *gênero* indicam a presença de homens e mulheres (inunados juntos, em uma mesma cista ou em um mesmo pito), variando entre 40 e 50 anos de idade (PAPPI; TRIANTAPHILLOU, 2011, p. 719). A interdisciplinaridade, abordagem crucial para uma interpretação mais abrangente e rica dos contextos funerários, viabilizada por meio da análise dentária dos indivíduos inunados, indica o mesmo tipo de dieta para homens e mulheres, rica em carboidratos e proteínas e, dessa forma, resultante de uma alimentação abundante em carne e açúcares. Também não há indícios de patologias graves, sejam genéticas, sejam causadas por esforços físicos. Isto significa que esses indivíduos gozavam de boas condições físicas e de saúde, independentemente do *gênero* e do *tipo de sepultura*.

Dessa forma, não há evidências que indiquem diferenças no tratamento funerário dispensado aos homens e às mulheres. Ambos são inunados no mesmo tipo de sepultura, muitas vezes juntos, e com o mesmo tipo de mobiliário, o mesmo tipo de artefatos em metal e os mesmos tipos de vasos, tanto no que diz respeito aos aspectos morfológicos, quanto decorativos (o mesmo repertório geométrico argivo). Tais resultados corroboram a ideia de que a mulher de meia-idade deve ter tido um papel ativo na construção da identidade social argiva durante o Geométrico, pois ela participa do mesmo sistema simbólico de práticas funerárias usado para os homens (LANGDON, 2001, p. 591-592).

A análise do *mobiliário funerário* das sepulturas, *quantitativa* e *qualitativamente*, entretanto, indica uma diferença no tratamento dos mortos em relação ao *tipo de sepultura*. Notamos que os túmulos em vasos funerários apresentam uma quantidade consideravelmente menor de oferendas, em geral, apenas alguns objetos em metal, alfinetes, anéis e adagas, ou em muitos casos, nenhum objeto. De acordo com Anne Foley (1998), tais diferenças são explicadas como expressões de grupos étnicos diversos. A partir de uma abordagem distinta, R. Hägg (1983) entende as diferenças nas práticas funerárias como diferenças sociais, em termos de riqueza. Dessa forma, os indivíduos inunados nos pitos são entendidos como a "classe pobre" e os enterrados nas cistas como pertencentes à "classe rica".

Deve-se considerar, contudo, o fato de que esses vasos possuem dimensões humanas e, mesmo confeccionados à mão, com a "técnica de rolo" ou "columbina", todos possuem decoração incisa, sendo elaborados cuidadosamente e, provavelmente, constituíam "caixões" relativamente caros. Além disso, os demais vasos funerários, como crateras, ânforas e píxides, possuem também grandes dimensões, são torneados

e confeccionados com refinamento, ricamente decorados com o mesmo repertório geométrico tipicamente argivo utilizado nos vasos encontrados no interior das cistas. Assim, os indivíduos inumados em vasos funerários não devem ser classificados nem como membros da classe pobre e nem como membros de grupos étnicos distintos. Preferencialmente, as diferenças nas práticas funerárias podem ser entendidas como resultado das dinâmicas sociopolíticas.

Em Argos, é a cerâmica que adquire valor de prestígio durante o Geométrico. Tanto os vasos cerâmicos depositados nos túmulos quanto aqueles utilizados como “caixão” proporcionam um exemplo cujos valores artísticos e “industriais” (termo aqui entendido como uma produção em larga escala) não se opõem como elementos de distinção e definição de prestígio. Apesar da ausência de mobiliário em muitos dos enterramentos em pitos, crateras, ânforas e píxides, tais vasos demonstram que são os usos dados aos objetos e sua visibilidade que caracterizam seu valor de prestígio e de *reconhecimento social* e não o objeto por si mesmo (incrustado com significados e valores relativos de “riqueza”).

A panóplia do T. 45 trata-se de um exemplo isolado, único (Figura 3). A presença de metais nas sepulturas reutilizadas é ínfima comparativamente à quantidade de vasos cerâmicos ricamente decorados com o repertório geométrico argivo. As características iconográficas marcantes desse repertório denotam *elementos aristocráticos*, como a constante presença dos cavalos, porém não indicam qualquer manifestação guerreira ou heroica, como as representações de *próthesis* e *ekphorá* dos marcadores de túmulos atenienses (SNODGRASS, 2004).²⁹

Faz-se necessário ressaltar ainda que os túmulos reutilizados várias vezes não foram originalmente construídos para abrigar inumações coletivas. Os enterramentos originais são datados do início do Geométrico e, no final, eles foram visivelmente alargados para abrigar os novos ocupantes (HÄGG, 1980). Isto demonstra claramente novas atitudes em relação às práticas mortuárias, provavelmente motivadas por mudanças políticas e sociais. A distribuição espacial dessas sepulturas reutilizadas configura uma topografia funerária significativa neste contexto histórico. Em primeiro lugar, há uma continuidade evidente das áreas utilizadas para enterrar os mortos durante todo o Período Geométrico. Em segundo, constata-se um processo gradual de

²⁹ As cenas de *próthesis* (lamentação) e *ekphorá* (cortejo fúnebre) características da produção cerâmica ática do Geométrico Recente são acompanhadas de elementos iconográficos que claramente representam um contexto de batalha ou de jogos fúnebre, como bigas e figuras femininas portando escudos, espadas e lanças. Há ainda cenas de lutas e com barcos. Na cerâmica geométrica argiva, tais representações são extremamente raras. O cavalo, o pássaro e o peixe correspondem aos elementos pictóricos animais centrais e típicos do repertório argivo e a figura humana masculina constitui uma representação excepcional.

formação de agrupamentos de sepulturas configurados provavelmente por aspectos familiares, de parentesco e/ou de determinado grupo social (HÄGG, 1980; 1983; PAPPI; TRIANTAPHILLOU, 2011, p. 728; SOUZA, 2011, p. 145, 232).

O critério principal para diferenciar as áreas de sepultamentos (os espaços funerários), em Argos, durante o Período Geométrico, não é o *tipo de sepultura, gênero, idade* e nem a *quantidade* e a *qualidade* dos objetos depositados com os mortos considerados como fatores isolados, mas entendidos como elementos diacrônicos e dialógicos; abordagem possível por meio da construção de bases de dados. As *formas de reconhecimento social* e de *prestígio* comportam o aspecto genealógico de ascendência real ou pretendida e se definem não em termos de riqueza dos objetos por eles mesmos, mas por meio do seu uso e da visibilidade.

Outrossim, ressaltamos que o modelo institucional ateniense de desenvolvimento da *pólis* não deve ser projetado para compreender o processo em todas as comunidades da Grécia Geométrica. O processo de nascimento, formação e consolidação da *pólis* argiva é mais complexo do que se sugeriu. Trata-se de um processo gradual em que a construção do espaço funerário também integra de forma ativa e fulcral os critérios determinantes da *pólis*. Os aspectos da performance funerária, em Argos, durante o Período Geométrico compreendem particularidades que denotam uma sociedade complexa que, por meio de continuidades e rupturas, "ausência" e visibilidade, expressos na construção do espaço funerário, tenta se adaptar e criar os instrumentos necessários *de formas de reconhecimento e prestígio* na dinâmica social e política de emergência da *pólis*. Apesar das nuances regionais (e mesmo peculiares a cada comunidade), certamente, a construção do espaço funerário está relacionada de forma intrínseca neste processo e o exemplo argivo corrobora a ideia de que a evolução das cidades gregas está engendrada também por uma especialização e polarização do recinto funerário, do local de habitação, de ofícios e assuntos públicos e do espaço religioso, sem de forma alguma denotar que sejam lugares segregados e autônomos (COLDSTREAM, 1984, p. 15).

Este breve e particular exemplo de construção e proposta de leitura de banco de dados fundamentado nas sepulturas argivas indica a potencialidade do exame do registro arqueológico de natureza funerária na condição de fonte de conhecimento das especificidades da formação da *pólis* como "fato histórico". A análise contextual dos sepultamentos torna-se viável por meio da sistematização dos dados, pois evidencia diferenças significativas entre as comunidades do Período Geométrico no mundo grego, que marcam as especificidades das transformações sociais e políticas engendradas por uma nova configuração social resultante da formação da cidade-Estado.

Considerações finais

Os dois estudos de casos apresentados, neste artigo, demonstram que a elaboração e o uso de banco de dados como recurso metodológico de análise ocasionam abordagens e perspectivas variadas de leitura da cultura material, fundamentais para a produção do conhecimento histórico, uma vez que estas ferramentas permitem diversas possibilidades de articulação de informações, assim como de uma maior variabilidade de interpretações.

No que diz respeito às contribuições científicas, podemos ressaltar a discussão e reflexão sobre as metodologias e perspectivas de sistematização da documentação, e conseqüentemente, da produção de *corpora* documentais em forma de catálogos e de bases de dados inter-relacionais que permitam essas abordagens diversificadas para as pesquisas sobre diferentes categorias materiais, documentais e contextuais.

A elaboração, assim como os fundamentos, as perspectivas futuras e o alcance das bases de dados permitem aprofundar, compreender e desenvolver questões relativas à relação entre a análise da cultura material e a produção do conhecimento acerca de temáticas relacionadas aos Estudos Clássicos, sobretudo à História Antiga e à Arqueologia Clássica, no quadro acadêmico atual, contribuindo ainda para a discussão e divulgação do uso dessa modalidade de recursos tecnológicos, tratamento e pesquisa de materiais pertinentes à área de Humanidades, o que promove uma maior integração entre pesquisadores e caracteriza, cada vez mais, as propostas inter e multidisciplinares no meio acadêmico.

Referências

Documentação escrita

ARISTÓTELES. *Política*. Edição bilíngue com tradução de António Campelo Amaral e Carlos de Carvalho Gomes. Lisboa: Vega, 1998.

Documentação arqueológica e visual

Alabastro de figuras negras. Pintor de Teseu. Havana, Museu Nacional de Bellas Artes, 140. Ca. 490 a.C.

Ânfora de colo (com tampa) de figuras negras. Exekias. Nova Iorque, Metropolitan Museum of Art, 17.230.14a-b. 540-530 a.C.

Cratera de figuras negras. Sem atribuição. Tóquio, Museu da Cultura do Mediterrâneo Antigo, 3. 530-520 a.C.

Detalhe da cratera C.26608, encontrada no T. 317, no setor δ, Bairro dos Refugiados, Rua Tripoleos. Arquivo Pessoal de Camila Diogo de Souza. École française d'Athènes.

Detalhe da cratera encontrada no T. 3 no Terreno Giarentis. In: PAPANIMITRIOU, A. *Die früheisenzeitliche bemalte Keramik aus Tiryns*. Die Phasen I-IV. Inaugural-Dissertation (Doktorwürde in Archäologie) – Philosophischen Fakultäten, Albert-Ludwigs-Universität zu Freiburg, Athen-Griechenland, 1987, p. 33-34.

Kýlix ática. Figuras vermelhas. Pintor Oltos. c. 520-510 a.C. Londres, Museu Britânico, E 41. Trustees of the British Museum.

Kýlix de figuras vermelhas. Oltos. Assinada pelo oleiro *Kachrylion*. Londres, Museu Britânico, E 41 (1837,0609.58). 520-510 a.C.

Kýlix de figuras vermelhas. Oltos. Copenhagen, Museu Nacional, 3877. 520-510 a.C.

Kýlix de figuras vermelhas. Oltos. Madrid, Museu Arqueológico Nacional, L 151 (11267). 520-510.

Lécito de figuras negras. Pintor de Amasis. Nova Iorque, Metropolitan Museum of Art, 56.11.1. Em torno de 540 a.C.

Panóplia, armadura hoplítica em bronze encontrada no T. 45. In: COURBIN, P. Une Tombe Géométrique d'Argos. *Bulletin de Correspondance Hellénique*, v. 81, p. 322-386, 1957.

Pínax (πίναξ) de figuras negras. Sem atribuição. Atenas. Museu Nacional, Coleção da Acrópole, 2574-5. Terceiro quartel do século VI a.C.

Stámnos (στάμνος) de figuras vermelhas. Boston, Museum of Fine Arts 66.206. Ca. 480 a.C.

T 1957/XVII, Tirinto. In: VERDELIS, N. Neue geometrische Gräber in Tiryns. *Mitteilungen des Deutschen Archäologischen Instituts, Athenische Abteilung*, v. 78, p. 1-62, 1963.

T. 191 e do T. 190, encontrados na Sondagem 70, Argos. In: COURBIN, P. Une Tombe Géométrique d'Argos. *Bulletin de Correspondance Hellénique*, v. 81, p. 322-386, 1957.

T. 2, encontrado no Lote Theophanopoulou, Argos. *Archaiologikon Deltion*, v. 46, n. 1, p. 88-104, 1991, Πίv. 53δ.

Obras de apoio

BAZANT, J. Herakles and Athenian Hoplites. In: _____. *Studies on the use and decoration of Athenian vases*. Praga: Nakladatelstvi Ceskoslovenske Akademie, 1981, p. 23-39.

- BAZANT, J. On satyrs, maenads, Athenians and vases. *Eirene*, v. 21, p. 41-42, 1984.
- BAZANT, J. The case for a complex approach to Athenian vase painting. *Métis*, v. 1-2, p. 93-111, 1990.
- BUNDRICK, S. D. *Expression of harmony: representation of female musicians in fifth-century Athenian vase painting*. 1998. Dissertation (P.h.D. in Art History) – Department of Art History, Emory University, Atlanta, 1998.
- CERQUEIRA, F. V. et al. Programa Memoriar: sensibilização de jovens para a diversidade identitária por meio da educação patrimonial. In: Encontro do Núcleo Regional Sul da Sociedade de Arqueologia Brasileira, V. *Anais...* São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2006, p. 1-8.
- CERQUEIRA, F. V. *Os instrumentos musicais na vida diária da Atenas tardo-arcaica e clássica (550-400 a.C.): o testemunho de vasos áticos e de textos antigos*. 2001. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. 3 v.
- COLDSTREAM, J. N. *The formation of the Greek polis: Aristotle and Archaeology*. Opladen: Westdeutscher, 1984.
- COURBIN, P. *Les Tombes Géométriques d'Argos, I (1952-1958)*. Paris: École française d'Athènes, 1974.
- COURBIN, P. Une Tombe Géométrique d'Argos. *Bulletin de Correspondance Hellénique*, v. 81, p. 322-386, 1957.
- CUSSET, C. Théocrite, lecteur d'Euripide. L'exemple des Bacchantes. *Revue des Études Grecques*, v. 110, n. 2, p. 454-468, 1997.
- DIAS, C. K. B. *O Pintor de Gela: características formais e estilísticas, decorativas e iconográficas*. 2009. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. 2 v.
- DIAS, C. K. B.; SOUZA, C. D.; CERQUEIRA, F. V. Recursos digitales y producción de conocimiento histórico fundado en evidencias materiales. Reflexiones sobre la elaboración de bases de datos para investigaciones en Arqueología clásica. In: BRESCIANO, J. A.; GIL, T. (Org.). *La historiografía ante el giro digital: reflexiones teóricas y prácticas metodológicas*. Montevideo: Cruz del Sur, 2015, p. 135-178.
- DUNNELL, R. C. *Classificação em Arqueologia*. São Paulo: Edusp, 2007.
- DUPLOUY, A. *Le prestige des élites: recherches sur les modes de reconnaissance sociale en Grèce entre les Xe et Ve siècles avant J.-C.* Paris: Les Belles lettres, 2006.
- DURAND, J.-L.; FRONTISI-DUCROUX, F. Idoles, figures, images: autour de Dionysos. *Revue Archéologique*, fasc. 1, p. 81-108, 1982.

- FOLEY, A. Ethnicity and the topography of burial practices in the Geometric period. In: PARIENTE, A.; TOUCHAIS, G. (Ed.). *Argos et l'Argolide*. Topographie et Urbanisme. Actes de la Table Ronde Internationale 28/4-1/5/1990. Athènes, Argos. Athènes; Nauplie; Paris: Υπουργείο Πολιτισμού; Ecole française d' Athènes; De Boccard, 1998, p. 137-143.
- FOLEY, A. The Argolid 800-600 B.C.: an Archeology Survey. *Studies in Mediterranean Archaeology*, v. LXXX, 1988.
- FRICKENHAUS, A. *Lenäenvasen: zweiundsiebzigstes Programm zum Winckelmannsfeste der Archäologischen Gesellschaft zu Berlin*. Berlin: Von Georg Reimer, 1912.
- FUNARI, P. P. A. *Arqueologia*. São Paulo: Ática, 1988.
- FUNARI, P. P. A. Os historiadores e a cultura material. In: PINSKY, C. B. (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 81-110.
- GENET, J.-P.; LAFON, P. Des chiffres et des lettres. Quelques pistes pour l'historien. *Histoire & mesure*, v. XVIII, n. 3/4, p. 215-223, 2003.
- GENIÈRE, J. de la. "Vases du Lénéennes?" *Mélanges de l'École française de Rome. Antiquité*, v. 99, p. 43-61, 1987.
- GRUNGBERG, E. Educação Patrimonial: utilização dos bens culturais como recursos educacionais. *Cadernos do CEOM*, ano 14, n. 12, p 159-180, 2000.
- GUERREAU, A. *Statistique pour historiens*. Paris: Éditions en ligne de l'École des Chartes, 2004.
- GUERREAU, A. Textes anciens en série. Outils informatiques d'organisation et de manipulation de bases de données textuelles. *BUCEMA - Bulletin du centre d'études médiévales d'Auxerre*, Collection CBMA, Les outils, 1 mar. 2012.
- HÄGG, R. Burial customs and social differentiation in 8th century Argos. In: HÄGG, R.; MARINATOS, N. (Ed.). *The Greek Renaissance of the Eight-Century B.C.: Tradition and Innovation*. Proceedings of the Second International Symposium at the Swedish Institute in Athens, 1-5 June 1981. Stockholm: Svenska Institutet in Athen, 1983, p. 27-31.
- HÄGG, R. *Die Gräber der Argolis in submykenischer, protogeometrischer und geometrischer Zeit*. Lage und Form der Gräber. Uppsala: Brunnsaker & Säve-Söderbergh, 1974. v. 1.
- HÄGG, R. Some Aspects of the burial customs of the Argolid in the Dark Ages. *Athens Annals of Archaeology*, v. 13, p. 119-26, 1980.
- LANGDON, S. *Art and identity in Dark Age Greece, 1100-700 B.C.E*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- LANGDON, S. Beyond the grave: biographies from Early Greece. *American Journal of Archaeology*, v. 105, p. 579-606, 2001.

- LEGRAND, P. E. «*Notice sur l'Heraklès enfant de Théocrite*» en *Bucoliques grecs*: Théocrite. Paris: Les Belles Lettres, 1925. v. 1.
- MARQUES, A. E.; DAVID, G. Bases de dados relacionais enquanto ferramenta de investigação em História. In: Encontro Ibérico EDICIC 2013, VI: Globalização, Ciência e Informação. *Atas...* Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2013, p. 741-760.
- MATTHEW, S. G. Conclusion: Wither to, ethnicity? *Archaeological Review from Cambridge*, v. 19, n. 2, p. 118-23, 2004.
- MENESES, U. T. B. Cultura material no estudo das sociedades antigas. *Revista de História*, n. 115, p. 103-117, 1983.
- MORRIS, I. *Burial and ancient society* after ten years. In: MARCHEGAY, S.; LE DINAHET, M.-T. ; SALLES, J.-F. (Ed.) *Nécropoles et pouvoir: idéologies, pratiques et interprétations*. Actes du Colloque Théories de la Nécropole Antique, Lyon 21-25 Janvier 1995. Paris: De Boccard, 1998, p. 21-36.
- MORRIS, I. *Burial and ancient society: the rise of the Greek city-state*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- MORRIS, I. *Death-ritual and social structure in Classical Antiquity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- MUNIZ, S. C. O. Núcleo Pedrinhas: história e imagem. In: FUNARI, P. P. A. (Org.). *Cultura material e Arqueologia histórica*. Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas; Unicamp, 1998, p. 221-250.
- NEILS, J. The loves of Theseus: an early cup by Oltos. *American Journal of Archaeology*, v. 85, n. 2, p. 177-179, 1981.
- NEUSTUPNÝ, E. *Archaeological method*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- ORSER Jr., C. E. *Introducción a la Arqueología Histórica*. Buenos Aires: Asociación Amigos del Instituto Nacional de Antropología, 2000.
- PAPPI, E. Argive Geometric figured style: The rule and the exception. In: RYSTEDT, E.; WELLS, B. (Ed.). *Pictorial pursuits: figurative painting on Mycenaean and Geometric pottery*. Papers from two seminars at the Swedish Institute at Athens in 1999 and 2001. Stockholm: Swedish Institute at Athens, 2006, p. 229-237.
- PAPPI, E.; TRIANTAPHILLOU, S. Mortuary practices and the human remains: a preliminary study of the geometric graves in Argos, Argolid. In: MAZARAKIS, A. A. (Ed.) *The "Dark Ages" revisited*. Acts of an International Conference in Memory of William D. E. Coulson. Volos: University of Thessaly Press, 2011, p. 673-688. v. II.
- PEIXOTO, L. da S. Arqueologia e patrimônio: o urbano na ótica da cultura material. In: CERQUEIRA, F. V.; GUTIERREZ, E. J. B.; SANTOS, D. O. M. dos; MELO, A. D. de (Org.).

- Educação patrimonial: perspectivas multidisciplinares*. Pelotas: Instituto de Memória e Patrimônio, 2008, p. 87-90.
- PROTONOTARIOU-DEILAKI, E. Απο το Απγορ τορ 8ορ και 7ορ ΑΙ ΙΙ. X. *Annuario della Scuola Archeologica di Atene e delle Missioni Italiane in Oriente*, v. 60, p. 33-48, 1982.
- PROTONOTARIOU-DEILAKI, E. Πρώτορ Γεωμετρικόρ Τάφορ εξ Άπγορρ. *Archaiologika Analekta ex Athenon*, v. III, p. 180-83, 1970.
- RADLEY, A. Artefactos, memória e sentido del pasado. In: MIDDLETON, D.; EDWARD, D. (Org.) *Memória compartida: la naturaleza social del recuerdo y del olvido*. Buenos Aires: Paidós, 1992, p. 63-76.
- RENFREW, C.; BAHN, P. *Arqueología: teorías, métodos y práctica*. Madrid: Akal, 1993.
- SCHIFFER, M. B. *Formation processes of the archaeological record*. Salt Lake City: University of Utah Press 1996.
- SNODGRASS, A. M. *Archaeology and the emergence of Greece: collected papers on Early Greece and related topics (1965-2002)*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.
- SNODGRASS, A. M. *Homero e os artistas: texto e pintura na arte grega antiga*. São Paulo: Odisseus, 2004.
- SOUZA, C. D. *As práticas mortuárias na região da Argólida entre os séculos XI e VIII a.C.* São Paulo: Imprensa Oficial, 2011.
- SOUZA, C. D. de. *As práticas mortuárias na região da Argólida entre os séculos XI e VIII a.C.* 2010. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. 3 v.
- TRIGGER, B. G. *História do pensamento arqueológico*. São Paulo: Odisseus, 2004.
- WHITLEY, J. Objects with attitude: biographical facts and fallacies in the study of Late Bronze Age and Early Iron Age warrior graves. *Cambridge Archaeological Journal*, v. 12, n. 2, p. 217-232, 2006.
- WHITLEY, J. Social diversity in Dark Age Greece. *Annual of the British School at Athens*, v. 86, p. 341-365, 1991b.
- WHITLEY, J. *Style and society in Dark Age Greece: the changing face of a preliterate society*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991a.
- WHITLEY, J. *The Archaeology of Ancient Greece*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.